

DESAFIOS DA PRÁTICA EDUCACIONAL NA EJA CAMPO

Maria Edna Gonçalves¹
Orientadora: Dra. Maria Aparecida Dantas Bezerra²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar os principais desafios na prática educacional da educação de jovens e adultos da (EJA) Campo do município de Passira -PE. A pesquisa contou com a participação de professores dos anos iniciais e finais da educação básica que atuam nas turmas da educação do campo. Turmas essas que são localizadas nas comunidades campestres com apoio dos movimentos sociais como :O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiar do Estado de Pernambuco. (FETAPE) e os movimentos QUILOMBOLAS. Os principais desafios encontrados na educação da EJA Campo nos dias atuais, dentre os quais destacam-se: A evasão escolar, ocorrendo com grande frequência. O currículo que precisa ser adequado com as modalidades de ensino. Além destes desafios que acarretam as dificuldades de trabalhos para os professores da EJA, também contamos com a falta de recursos tecnológicos em meio a pandemia da covid-19 nos últimos anos. Optou-se por uma metodologia com abordagem qualitativa, com procedimentos bibliográficos e de campo, através de um questionário semiestruturado utilizando as redes sociais como Google Meet e zap com a intervenção dos professores.

Palavras-chave: Educação de Jovens, Desafios, EJA Campo, Prática Educacional, Movimentos Sociais.

INTRODUÇÃO

Ao pensar na modalidade de Jovens e Adultos (EJA) nos dias atuais, e os desafios que ainda são acarretados para atender os jovens e adultos do campo com suas especificidades, dificuldades de participarem da escola na idade própria, chegando à vida adulta sem ser escolarizado, foi criada a lei 9394/96 pela República Federativa do Brasil dentro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Diz o artigo 37 “A educação de (EJA) será destinada aqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental I e II e médio na idade própria”.

¹ Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Del Sol - UNADES, m.ednagoncalves@outlook.com;

² Professora orientadora: Doutora em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul- UNISC, cidaraulinho@hotmail.com; <http://lattes.cnpq.br/9345912569400432>;

Para Freire uma escola centralizada democraticamente no seu estudante na sua comunidade local, vivendo as suas situações integradas com seus problemas, levará esses a uma nova postura diante dos problemas de contexto. Acredita-se que a escola estar adequada a todos, crianças, adolescente ou adulto oferecendo profissionais adequados e espaços direcionados as determinadas deficiências, tornando-se um ambiente acolhedor e inclusivo, não integrador (FREIRE, 2015, p.67).

É de fundamental importância considerar todos os aspectos que dificultam a voltar desse público alvo a terem uma iniciativa de resolver retomar seus estudos, mesmo com todos os desafios que a vida lhe proporciona. Para pensar nessa modalidade EJA se faz necessário uma organização do espaço aula, estruturas físicas e materiais didáticos apropriados, transporte escolar alimentação (merenda escolar) é preciso criar estratégias e proporcionar todos os requisitos para gerar condições apropriadas para receber os alunos com oportunidade de regressar aos estudos.

Ressalta-se que o objetivo desse artigo é investigar os principais desafios na pratica educacional da EJA do Campo. Por ser inúmeros dificuldades constantemente na realidade do professor e estudantes, para isso precisa-se conhecer as realidades, para buscarmos um espaço educacional com os direitos que são garantidos por lei.

Avançar as condições de vida usufruindo do espaço estudantil e buscando melhorar as oportunidades educacionais. É um dever das instituições de ensino promover uma educação objetivando os interesses das comunidades escolares, para que todos contribuam para a vida pessoal e social, para que cada cidadão tenha sua participação na sociedade.

Considerando a questão da formação docente para desenvolver todo processo educacional com alunos da EJA, é relevante que o educador considere a realidade do aluno, suas características e condições de vida, de trabalho, conheça o aluno em todos os aspectos. Sem conhecer a realidade e as problemáticas que cada comunidade faz parte, fica complicado desenvolver um trabalho para atender as principais necessidades da educação EJA. Nesse processo de ensino e aprendizagem o educador precisa ser e querer fazer toda diferença na Educação de Jovens e Adultos e quanto aos alunos, que já perderam o estímulo para regressar a vida de estudante.

Nesse sentido, Arroyo relata que quando situamos a educação como um processo de transformação humana, de emancipação humana, percebeu quanto os valores do campo fazem parte da história da emancipação humana (ARROYO, 2017, p.80).



O professor não precisa apenas manter um planejamento pedagógico pautado na rotina, o educador precisa criar estratégias que elevem em primeiro lugar a autoestima desses estudantes.

Depois que os discentes reconhecem a sala de aula como espaço de vivência, para aperfeiçoarem seus conhecimentos e buscarem de alguma forma modificar sua vida pessoal e profissional.

Nos últimos anos a EJA foi incluída nas pautas de reivindicações por uma sociedade justa e igualitária, colocadas em agendas governamentais, na legislação (como uma modalidade de Educação Básica na LDB 9.394/96) e no financiamento público FUNDEB. A partir desta constituição passou a ter direitos. Direitos esses, que podemos verificar que ainda existem os descasos, a falta de comprometimento dos governos Municipais, Estaduais e Federal.

Apesar de várias conquistas, com todas as lutas e resistências, pelos os movimentos sociais principalmente pelo movimento sem-terra (MST) a EJA continua à mercê dos preconceitos e dificuldades. Com finalidade de mudanças, os movimentos sociais lutam por implantações de políticas públicas, voltadas para atender as necessidades da EJA, buscando diminuir a desvalorização e a identificação com os estudantes da EJA.

A importância da educação EJA do/no campo vem a ser assegurada no século XXI diante das necessidades de se ter uma cultura na sociedade letrada no país, para garantir de fato, a educação como direito de todos. Em consonância com a LDB 9394/96, que garanti o acesso de todos os direitos a educação, e em primeira estância dever do estado respeitar e assegurar com prioridade uma educação voltada para realidade dos sujeitos do campo.

Caldart revela que a Educação do Campo passou a ser chamada a partir das discussões do seminário Nacional realizado em Brasília [...], decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho de 2004 (CALDART, 2015, p.257). A partir desta data, muito tem se debatido sobre educação do campo, para aprimorar e repensar essa ideia de educação, priorizando sempre os sujeitos do campo e suas necessidades cotidianas.

Os desafios encontrados na educação da EJA campo nos dias atuais, dentre os quais destaca-se: A evasão escolar, ocorrendo com grande frequência, lamentavelmente ainda ocorrem esses fatos nas escolas do campo com educandos da EJA. Sendo assim, precisam-se analisar quais são os aspectos que levam esses jovens e adultos a regressarem à sala de aula, mas não concluírem as modalidades de ensino, evadindo-se no percurso. Diante de todos os levantamentos, pesquisas dessa evasão, são acarretados inúmeros desafios, para consequentemente haver toda evasão escolar.

As estratégias metodológicas utilizadas pelos professores é também um dos fatores que influenciam muito na evasão, o relacionamento entre professor e aluno, o mesmo precisa ser de



reciprocidade, o docente deve proporcionar um espaço de aprendizagem, dando autonomia de expressão ao estudante criando situações de pertencimento, levando os discentes a construírem um aprendizado significativo para sua vida.

De acordo Freire (2015, p.25) “Ensinar não é transferir conhecimento, mas sim criar possibilidades para a sua produção ou construção”. Com isso, vale ressaltar que esta produção ou construção do conhecimento se dará através da interação entre professor x aluno. Os discentes da EJA campo trazem consigo uma bagagem de aprendizado, da experiência de vida que só precisam ser aprimorados no processo de ensino e aprendizagem.

Outro desafio que também vem sendo constatado nas turmas da EJA campo, é um fato muito importante para ser discutido e viabilizado, são os problemas oftalmológicos; na educação da EJA por serem estudantes com uma idade já avançada, muitos chegam à evasão por não estarem enxergando bem. Essa situação atinge a maioria dos discentes que se encontram na faixa etária entre 40 e 60 anos de idade. A respeito de tal problemática, vale salientar a falta de condições financeira, por parte dos mesmos, para custear o exame e os óculos; mesmo com o projeto BOA VISÃO, lançado pelo o Estado, que é uma ação de parceria entre as secretarias de Educação e Saúde. Nesta iniciativa observamos que são beneficiados estudantes dos ensinos regular e médio. Com isso os estudantes da EJA, continuam sendo vítimas de mais um descaso pela ausência de direitos igualitários.

Outro fato social que influência no abandono dos estudos, é a jornada de trabalho. O cansaço físico, depois de um longo dia de trabalho braçal.

Os estudantes da EJA são trabalhadores da agricultura familiar, agricultura irrigável, realizando um trabalho árduo com todo processo que são desenvolvidos dentro do trabalho do homem do campo.

Entre as atividades que são fontes de renda econômica, estão as criações de animais, outros na confecção de tapetes, bordados, trabalho artesanal com cerâmica (peças de barro). O Homem do campo no seu processo de desenvolvimento das habilidades para ter o sustento da vida busca a cada dia criar e recriar expectativas para obter uma vida digna.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi constituída por pesquisa bibliográfica e descritiva. Os dados qualitativos, foram obtidos através da aplicabilidade do instrumento avaliativo, ou seja, questionários semiestruturados através do e-mail e google Meet. No percurso da pesquisa, foram efetuadas leituras, analisando concepções e fundamentação teórica em consonância com



o objeto de estudo e observações a nível de campo. Durante o período de realização, considerou-se o espaço físico e o contexto escolar, em áreas da zona rural, localizadas no município de Passira, Estado de Pernambuco.

A base metodológica foi a pesquisa qualitativa, realizada através de questionários semiestruturados, que foram aplicados em nível de docentes da EJA, inseridos nas escolas municipais da zona rural, com estudantes do perfil de homens e mulheres do campo.

Foram investigados 08 (oito) professores atuantes em turmas da EJA campo, considerando o ambiente escolar, o espaço único para mediação de práticas educativas na construção de ações pedagógicas, frente a realidade do campo.

Foram entregues questionários semiestruturados aos 08 (oito) professores no mês de fevereiro para análise dos dados, entretanto a pesquisa deu-se início entre o mês de fevereiro a agosto de 2021.

De acordo com o autor supracitado, “o delineamento se fundamenta na ideia de que a análise de uma unidade de determinado universo possibilita a compreensão da generalidade do mesmo ou, pelo menos, o estabelecimento de bases para uma investigação posterior, mais sistemática e precisa”. (GIL, 2015, p. 79). O instrumento avaliativo, usado para a coleta de dados foram questionários elaborados com perguntas semiestruturadas, direcionados aos professores, atuantes na educação do campo.

Gil (2015) aponta, vantagens da utilização do questionário para coletar informações, a garantia do anonimato das respostas e a possibilidade de atingir um maior número de pessoas.

A proposta metodológica utilizada como ferramenta dessa pesquisa, apresentou as seguintes características: alcance de contato, rapidez dos resultados e garantia de armazenamento dos dados da pesquisa em tempo real, o caminho para investigação partiu das realidades dos assentamentos.

Dos dados da pesquisa, em tempo real. Conforme, descrito no caminho da investigação, o questionário foi elaborado a partir da realidade dos assentamentos e da temática desenvolvida.

REFERENCIAL TEÓRICO

Desafios da EJA do Campo

Tendo em vista, que o direito a uma educação pública de qualidade, é direito de todos, e um dever do Estado, faz-se necessário, refletir como ocorre o processo de ensino aprendizagem na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, especificamente para aqueles



que outros tiveram este direito negado pelas conjunturas governamentais de sistema educacional capitalista, a população do campo onde tal modalidade será doravante citada EJA Campo.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) incorporou a constituição Federal e acrescentou em seu capítulo II, trazendo a EJA como modalidade de educação básica que se sobrepõe a dimensão de ensino do supletivo e direciona a sua oferta a todos aqueles que não tiveram acesso ou não concluíram o ensino fundamental conforme o artigo 37 a defender:

A educação de jovens e adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular oportunidades educacionais apropriadas consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. O poder público viabilizar e estimular o acesso e a permanência do trabalho na escola mediante ações integradas e complementares entre si (BRASIL, 1996, p. 45).

Prática esta que passa pela valorização da pluralidade social respeitando povos, línguas, dialetos, culturas, em diferentes meios e espaços sociais e quais as expectativas, o que fazer, o que esperar e buscar para a construção cada vez mais de uma educação do campo, pelo campo e para o campo.

A princípio vale a compreensão sobre a LDB, Lei nº 9392/9, que assegura o direito ao cidadão e cidadã na modalidade EJA. Mas quando surge a expressão “Educação do Campo” Caldart, auxilia a entender que expressão:

O surgimento da expressão “Educação do Campo pode ser datado. Nasceu primeiro como Educação Básica do campo no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do campo realizada em Luzeânia Goiás de 27 a 30 de julho 1998. Passou a ser chamada educação do campo a partir das discussões do seminário nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro 2002, de ação posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional realizada em julho (CALDART, 2012, p.257-258).

Sendo assim, recente a educação do campo não foi algo proporcionado pelo sistema educacional público brasileiro de maneira cordial a mesma tem seu principal berço de origem na luta pela terra empreendida pelo Movimento dos Trabalhadores rurais (MST).

Foram anos de lutas dos movimentos sociais para que fossem validados na prática os direitos previstos em lei instrumentos e financiamentos governamentais, que assegurassem ao homem e mulher do campo um direito de não só aprender a ler e escrever, mas também,



utilizarem-se de todos os seus múltiplos saberes do meio em que vivem para se firmarem e se auto valorizarem como cidadão e cidadã que não só também tenham direitos a terra e a moradia digna mais sim permanecerem nela de maneira incisiva e democrática, sejam eles/as: negros, brancos, indígenas, amarelos, mestiços, mulheres, homens, jovens, adultos, idosos, quilombolas, pantaneiros, ribeirinhos, pescadores, agricultores, trabalhadores ou desempregados, construindo assim identidades sociais, étnicos, raciais e cidadania.

A partir de agora passaremos a detalhar quais desafios pratica educacional da EJA Campo, os quais foram feitas simples soluções anteriormente. Para começar um dos principais desafios é ainda enfrentamos na pratica educacional alguns pensamentos e ideologias voltadas para uma educação que outra era excludente e/ou ainda se faz em alguns aspectos de um processo educativo capitalista e exterior colaborando assim com o preconceito em relação aos discentes e docentes da EJA Campo.

Sendo assim precisa-se através da pratica educativa entre educador e educando, passando por um dialogismo de busca de valorização de identidade e empoderamento e claro também passando pela troca de saberes-nos espaços educativos. Quebrando assim paradigmas do mundo preestabelecido de que o espaço meio rural é insuficiente e/ou insignificante para a formação da plena cidadania.

No momento a educação passa o desafio de vencer preconceitos de rever as práticas escolares, reestruturar todo o sistema, atendendo a diversidade de saberes, de diferentes formas de funcionar, pensar e aprender. Incluir não é apenas inserir o aluno especial em classe comum fazem-se necessárias ações efetivas, visando superar os obstáculos e aumente o saber, compreendendo e identificando o outro, incluindo sem exceção. (SACRISTAN, 2018).

Ver o espaço rural como um ambiente formativo para os jovens e adultos que por interferir os sistemáticos excludentes do próprio ensino brasileiro, foram levados a não acesso, ou abandonar os estudos não os concretizando em tempo próprio de direito observando que foi a mesma no espaço ou meio rural onde vive dispõe de uma grande consequência de vivência e experiência previamente já formadas.

E deixadas muita das vezes por sua ancestralidade, cabendo assim ao educador desenvolver sua prática formativa para com o educando de maneira potencializadora e valorizadora desses saberes, especificidades e singularidades empíricas, culturais, regionais, dentro outras, fomentando no discente um sentimento de pertencimento social, levando com isso, uma maior diminuição das desigualdades e disparidades na educação de jovens e adultos e alunos do campo com relação a outras modalidades de ensino.

Segundo Arroyo:



Várias escolas do campo têm somente uma sala de aula que desenvolve as atividades pedagógicas e todas as demais atividades questionando os sujeitos da escola e da comunidade, e precisa de outros espaços, como refeitórios, banheiros, local para armazenar a merenda ou outros materiais necessários. Além disso, “o número de carteiras que essas escolas têm nem sempre é suficiente para atender a demanda, e o quadro de giz ou os vários quadros existentes estão estragados, dificultando a visibilidade dos educandos”. São muitos os fatores que comprovam as condições inadequadas dessas escolas, que não incentivam os docentes e os estudantes a permanecerem ou sentirem orgulho de estudar em sua própria comunidade, fortalecendo ainda mais o estigma da escolarização empobrecida e abandonada que tem sido ofertada no meio rural e forçando essas populações a se deslocarem para estudar na cidade. Nas escolas multisseriadas, um único docente atua em múltiplas séries simultaneamente, reunindo, em algumas situações, discentes da pré-escola e dos anos iniciais do ensino fundamental em uma mesma sala de aula (ARROYO, 2016, p. 65).

Em se tratando de uma problemática desafiadora da EJA Campo, não podemos deixar de elencar a desigualdade social, a mesma que passa pela lógica dos grandes latifúndios levando com isso a formação de uma sociedade de classes onde ainda, perduram sistemáticas de dominação como se vidas humanas especificamente do campo valessem menos do que tantas outras. É crucial o papel do educador como formador crítico social dialogando com instrumentos de busca e luta por direitos que vão além do ambiente de aula. Colaborando para que seus educandos participem de mecanismo participativo como associações, cooperativas, dentre outros.

Na pedagogia do campo, Freire enfatiza sempre em suas obras e fala que sua proposta pedagógica envolve uma educação significativa ao aluno, principalmente usando o cotidiano do mesmo, fazendo-o pensar e agir. “Por isso defender a pedagogia comunicativa, a partir da qual se faz necessário que o professor conheça a realidade dos seus discentes e planeje suas aulas de acordo com suas necessidades”. (FREIRE, 2015, p. 54)

Um novo fator desafiador sem sombra de dúvida é o respeito às diversidades presentes no campo. Entende-se por diversidade a constituição das diferenças que distinguem os sujeitos no meio rural onde vivem sejam: negros, brancos indígenas, amarelos, mestiços, mulheres, homens, jovens adultos, idosos agricultores, ribeirinhos, pantaneiros, pescadores, quilombolas, caiçaras pessoas com necessidade especiais, pessoas pertencentes a grupos LGBTQI+, dentre outras. Todos precisam passar por um processo educativo dentro da perspectiva do campo respeitando-se as individualidades dentro de uma perspectiva humano social (FREIRE, 2015).



Para Freire (2015), se faz importante destacar como desafio e com isso buscar meios para sanar tal problemática a questão da equidade de gênero oportunizando a mulher camponesa na modalidade de ensino EJA campo haja vista que ainda estamos inerentes de uma sociedade machista o que acarretou e ainda acarreta o destituir do seu direito de acesso à educação.

Segundo Hage (2015), a realidade de um número muito grande de escolas, associada à divisão de localização e o atendimento reduzido do número de estudantes por instituição, tem levado os gestores públicos adotar como estratégia mais frequente, a política de nucleação dessas escolas. Outro ponto fundamental, destacado pelo autor é o acesso à terra, consequentemente uma moradia digna, pois não dá para pensar na prática da educação do campo se seus educandos não dispõem de terra para residirem e continuarem no campo desenvolvendo e construindo saberes que perpassam pela posse da terra e através dela, enquanto agricultores ou outra função somando suas vivências e experiências no meio onde vivem somadas as aprendizagens em sala de aula tiram seu sustento e geram renda.

Os espaços escolares do campo são também desafiantes para o educador, quanto para o educando pois em sua maioria ainda são ambientes de ensino irregulares e em péssimas condições de estrutura onde a sala de aula ainda é muito das vezes improvisadas em galpões desativados de fazendas casas dos proprietários educandos e/ou em escolas da zona rural que já foram desativadas pelo poder público, com isso faz-se necessário por parte do educador e educando buscarem junto as secretarias Municipais e Estaduais implementações de políticas públicas de investimentos na construção de estabelecimentos de ensino que proporcionem um maior conforto e comodidade de para que a prática da troca de saberes ocorra de maneira plena e desejável.

Dentre muitos desafios e expectativas também é importante ressaltar a importância de um currículo reconfigurado para a EJA campo que passe por uma construção de um projeto político pedagógico onde se valorize cada especificidade e saberes de cada discente e docente envolvidos no processo de ensino aprendizagem e claro esta reconfiguração do currículo passando também pela formação continuada dos educadores (HAJE, 2015).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista foi realizada com 08 professores da EJA campo, no período de fevereiro a agosto de 2021. As respostas proporcionaram uma visão geral do ensino oferecido pela escola.



Analisando quais as dificuldades mais relevantes no processo educacional para trabalhar com turmas camponesas.

Arroyo (2017) aborda que a escola pode ser um lugar privilegiado de formação, de conhecimento e cultura, valores e identidades das crianças, jovens e adultos. Não para fechar os horizontes, mas para abri-los ao mundo desde o campo, ou o chão em que pisam. Suas vivências, identidade, valores e culturas, deverá ser mais humano e avançado no mundo. É óbvio que, somente a educação, não resolverá os problemas sociais que vivem as famílias do campo. Serão necessárias outras políticas nessas áreas, para que as populações que optaram em residir e trabalhar no campo viva com mais dignidade.

Para a relevância da pesquisa segue as perguntas do questionário aos professores da EJA campo, que os públicos jovens e adultos são alunos diferenciados dos alunos considerados regular, questionou juntos aos professores que lecionam na modalidade EJA a respectiva pergunta. Qual sua concepção sobre as práticas educacionais aplicadas nas escolas com turmas de EJA do Campo? Os argumentos foram norteadores para a compreensão das ações diante dessa modalidade como estão revelados nos depoimentos abaixo dos professores da EJA Campo.

Observar-se na fala do professor que é evidente uma ação pedagógica diferenciada das turmas regulares, percebeu-se que há uma grande ênfase quando se trata do público da modalidade EJA. Estabelece as especificidades com o conteúdo vivenciado na educação de jovens e adultos. Os professores enfatizam a importância da adaptação da proposta curricular com os eixos temáticos para atender as peculiaridades dos estudantes da EJA.

Os professores apontam a importância das inovações nas práticas educacionais que as turmas do EJA campo presenciam são satisfatórias, tendo em vista a forma de aprendizado de cada aluno e a metodologia individual de cada professor, assim conquistando alunos participativos e ativos nas aulas, e conhecedores de seus direitos educacionais e culturais.

Para as mediadoras o estudante da modalidade EJA, é composto por alunos oriundos de diferentes setores sociais e com realidades socioeconômicas e culturais diferentes que procura a essa modalidade de ensino, para dar continuidade aos estudos.

É preciso que a escola, esteja organizada preparada para receber o aluno da modalidade EJA, a organização da escola e de fundamental importância para a permanência do aluno. Eles percebem quando a escola não está organizada em suas ações pedagógicas. Outro ponto é criar vínculos afetivos com a comunidade escolar.



Como afirma Ferreira (2019, p. 6), “O bom relacionamento entre ambos auxilia o professor na sua prática pedagógica e consequentemente, propicia a compreensão do aluno na sua aprendizagem”.

Essa clientela vem com objetivos e interesses individuais diversos, no entanto precisasse avançar nas melhorias das condições sociais e educacionais, vencendo todas as barreiras que lhe fazem se sentir sem estímulos, para isso o professor tem o papel fundamental em ser o mediador na transformação de pensamentos críticos do homem do campo.

Como afirma Freire (2013) “Ensinar significa querer bem os educandos” se conseguimos que esses alunos permaneçam na escola, gostem do ambiente escolar já é uma grande conquista, para a sociedade e como também para a comunidade.

No entanto os professores precisam-se promover metodologias inovadoras e atividades em que os alunos interajam um com o outro, no sentido que o ensino seja mais produtivo e prazeroso e que o aluno sinta feliz na escola. Para que não ocorra a evasão escolar, por falta de incentivo do ambiente escolar.

As professoras acreditam na transformação da educação, pois as contribuições acontecem aos poucos e buscam melhorias nos materiais específicos para trabalhar com alunos deficientes e assim valorizar o ser humano, garantindo o direito para todos.

Quanto às políticas públicas as professoras dizem acreditar na transformação da educação, buscando melhorias e valorizando o ser humano garantindo assim uma educação de qualidade.

Segundo Arroyo (2015), quando se fala em políticas públicas, o tema já diz que não é fácil falar de inclusão e integração de pessoas com deficiências, pois o reconhecimento da sociedade no sentido de garantir os direitos as pessoas com deficiências no campo educacional, está intimamente ligada à vontade política.

Em relação ao currículo pode-se constatar que as professoras trabalham a proposta do currículo fazendo uma junção com o campo, pois na visão das mesmas o currículo é uma gama de conteúdo, porém não se consegue atingir a todas as habilidades.

A partir de suas respostas através do questionário percebe-se que todas afirmam ter ou procuram adequar sua prática à perspectiva construtivista, realizam agrupamentos dos estudantes para que os que ainda não conseguiram atingir a zona de desenvolvimento potencial, ou seja, aqueles que ainda não tem autonomia para realizar as atividades sozinhas, sejam auxiliados pelos os que estão na zona de desenvolvimento real, que aponta para a importância da interação entre alunos e professor no que tangem a aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisou-se na pesquisa que a escola para Educação do Campo, para atender os trabalhadores da Educação básica, necessita de uma proposta pedagógica para atender as peculiaridades do povo do campo. Buscando respeitar e valorizar suas culturas, suas raízes e oferecendo práticas pedagógicas construindo novos saberes a partir dos conhecimentos populares, que são aprendizados com muitos saberes.

Entende-se que as escolas do campo de pesquisas, vem promovendo qualidade de relação com o outro, criando um laço efetivo entre professor e estudante, ampliando a autonomia do saber de forma cooperativa para desenvolvimento da prática educacional dos professores, mesmo diante de tantos obstáculos que dificultam o trabalho pedagógico, os docentes vêm cada vez mais desempenhando práticas construtivas, e incentivando a participação dos estudantes, com isso evitando a evasão escolar dos discentes da EJA do Campo.

A partir de dados obtidos, ficou óbvio a motivação e incentivo dos professores para conquistar e dialogar com os estudantes, sendo estes, os protagonistas da educação do campo e precisam ter seus direitos educacionais articulados há todos os direitos sociais e culturais. Vale ressaltar, que a educação tem como objetivos a criação de indivíduos capazes de aprender a questionar, ser críticos, refletir, buscando mais conhecimentos dentro do seu convívio escolar e fazendo aquela troca de experiência dentro e fora da escola.

Ressaltando que os profissionais da EJA campo das escolas pesquisadas vem se adequando para trabalhar de forma prazerosa com os estudantes do campo, respeitando as realidades e tentando amenizar os desafios, criando novas possibilidades no processo educacional, levando uma educação de qualidade e comprometimento, com todos os discentes da educação campesina.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Imagens quebradas- trajetórias e tempos de alunos e mestre**. Petrópolis: Vozes, 2017, 4º. Edição, p.145.

_____ **Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: SOARES, Leôncio; Autêntica, 2015, p.19-50.



BRASIL, **Diretrizes e Bases Ministério da Educação**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece da Educação Nacional. Brasília, Diário Oficial da União, 20-12-1996.

CALDART, R. S. **Sobre a especificidade da educação do Campo e os desafios do momento atual**. Mimeo.2012, p.257-258.

FREIRE, **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,20215, p.178.

FERREIRA, E. B. OLIVEIRA, D.A. (Org.) **Crise da Escola e Políticas Educativas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora,2019, p. 65-81.

HAGE, S. M. (Org.). Educação do Campo na Amazônia: retratos de realidades das escolas multisseriadas no Pará. Belém, 2005. **HAGE**, Salomão; **ANTUNES-ROCHA**, Maria Isabel (Org.). **Escola de direito: reinventando a escola multisseriada**. Belo Horizonte: Autentica,2015, p. 135.